

O AFETO QUE NOS AFETA: A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA EJA

COORDENADOR: Carlos Soares Barbosa

DISCENTES: Mariana Rodrigues¹

Evellyn Ribas²

Giselle Carvalho³

Monica Jovencio⁴

Ester José dos Santos⁵

RESUMO

O presente artigo retrata a experiência de iniciação à docência de cinco bolsistas do Programa de Residência Pedagógica, licenciandas do curso de Pedagogia da UERJ, realizada com estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), em uma turma multisseriada composta por pessoas entre 25 e 80 anos, em fase de alfabetização. A atuação aconteceu em uma escola municipal localizada no município de Mesquita, bairro Chatuba, região da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. A partir da pedagogia de projetos foram desenvolvidos, entre outros, os seguintes projetos: Emponderamento Feminino; Terra Planeta Água; Cordel; e Fórum de profissões. O objetivo principal das atividades foi integrar os alunos a diferentes conhecimentos e estimular o seu protagonismo e o desenvolvimento de competências socioemocionais, além de demonstrar a importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem. Este relato de experiência constitui como procedimento para levantamento das informações os registros do diário de campo das residentes e da observação participante, analisados a partir do diálogo com autores do campo da EJA. O resultado foi muito satisfatório, devido aos laços afetivos que foram criados, estabelecendo confiança um no outro, o que favoreceu o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos (EJA); Projetos Pedagógicos; Afetividade.

¹ Graduanda do curso de Pedagogia – UERJ. Residente do Programa de Residência Pedagógica. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: mariana.pedagogia@outlook.com.br

² Graduanda do curso de Pedagogia – UERJ. Residente do Programa de Residência Pedagógica. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: evellyn.ribas@outlook.com

³ Graduanda do curso de Pedagogia – UERJ. Residente do Programa de Residência Pedagógica. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: gisellecarvalhouerj@gmail.com

⁴ Graduanda do curso de Pedagogia – UERJ. Residente do Programa de Residência Pedagógica. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: mjovencio79@gmail.com

⁵ Graduanda do curso de Pedagogia – UERJ. Residente do Programa de Residência Pedagógica. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: ester.jsantos89@gmail.com

INTRODUÇÃO

O artigo em questão possui como principal finalidade relatar as experiências vivenciadas através do trabalho com projetos pedagógicos desenvolvidos com estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), em fase inicial da alfabetização. Parte-se do pressuposto que “todas as coisas podem ser ensinadas por meio de projetos, basta que se tenha uma dúvida inicial e que se comece a pesquisar e buscar evidências sobre o assunto” (Hernández, 1998, p. 13). Diante desta perspectiva, o aluno abandona o papel de receptor passivo, configurando-se em protagonista do conhecimento.

Os projetos foram realizados por cinco bolsistas do Programa de Residência Pedagógica (PRP), estudantes do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) através do consórcio CEDERJ.. E, outrossim, buscar demonstrar a influência da afetividade no processo de ensino e aprendizagem. Mas, afinal, o que é afetividade? Para Cunha (2008), o afeto se define em:

Na sua definição etimológica, o afeto é neutro. Pode exprimir um sentimento de agrado ou desagrado em diferentes graus de complexão; disposição de alma, que tanto pode revelar amor ou ira. O afeto, entretanto, quando resulta da prática do amor, torna-se amorosidade, atitude que se reveste em um estímulo para o aprendizado, dando clareza e entendimento à consciência. (CUNHA, 2008, p. 16).

Diante do exposto, a afetividade se relaciona, positiva ou negativamente, ao desenvolvimento do discente. Portanto, se o afeto que nos afeta é resultado de uma prática de amor, o retorno é o desenvolvimento pleno deste educando. Porém, havendo sua ausência, esse vínculo será prejudicial, acarretando o fracasso escolar e, conseqüentemente, sua evasão. Ribeiro (2010, p. 406) afirma que: “[...] a afetividade pode estimular ou inibir o processo de aprendizagem dos alunos”.

Para o autor Romero (2003) citado por Sabino (2012), a afetividade é intrínseca as relações humanas. Porquanto,

O afeto é uma dimensão do viver humano. O homem, ao evoluir como ser humano na sociedade, vai constituindo sua afetividade a partir das vinculações interpessoais, através de encontros e desencontros entre as pessoas. Não é possível pensar em afeto sem pensar em vínculos e relações entre os seres humanos de todas as idades [...]. (SABINO, 2012, p. 43).

Logo, “é imprescindível que haja uma relação afetiva entre professor e aluno para que a prática pedagógica seja capaz de atender as necessidades dos educandos” (Cunha, 2008). Isto posto, afetividade e processos educativos são indissociáveis, visto que, o processo educativo está centrado nas relações interpessoais. Essas relações precisam ser dialogadas, reconhecidas e valorizadas. O trabalho com projetos pedagógicos viabiliza esta conexão. Sendo assim,

[...], não basta que os alunos frequentem a escola, é preciso que os mesmos encontrem oportunidades de apropriação dos conhecimentos nas salas de aula, bem como, aproximem-se afetivamente dos conteúdos e práticas, pois, se há uma compreensão de sujeito interativo, que se emociona ao aprender e conhecer, é

preciso planejar condições de ensino que viabilizem o sucesso desse processo. (FRACETTO, 2018, p. 92).

Portanto, "[...] a afetividade é importante para a aprendizagem cognitiva dos alunos, pois é pela via afetiva que a aprendizagem se realiza" (Ribeiro, 2010, p.404)

Vale ressaltar que, o Residência Pedagógica é um programa federal, criado em 2018 e dirigido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Situa no âmbito da Política Nacional de Formação de Professores, buscando proporcionar a imersão dos licenciandos nas escolas de educação básica no decorrer de 18 meses. O subprojeto de Pedagogia da UERJ prioriza a modalidade da Educação de Jovens e Adultos, e é realizado em parceria com três escolas (denominadas escolas-campo), das quais, uma pertencente à rede Municipal do Rio de Janeiro e duas à rede Municipal de Mesquita. A unidade escolar em que atuamos como residente localiza-se na Baixada Fluminense, no município de Mesquita, no bairro da Chatuba. A oferta da EJA na escola ocorre no período noturno, em turmas multisseriadas, cujo perfil dos alunos é bastante heterogêneo em face das questões de gênero, étnico-raciais, de faixa etária, crenças, valores e dos diversos motivos que os levaram de volta para a sala de aula. Todavia, em meio a esta diversidade apresentam algumas características que os aproxima, entre elas, uma maior exposição à violência urbana, à desigualdade social, racial, econômica e cultural, ao desemprego, à pobreza, entre outras.

Diante dessa marcante diversidade presente na Educação de Jovens e adultos, fez emergir a potencialidade de se realizar um trabalho com projetos, sob o entendimento de que a pedagogia de projetos favorece o processo de ensino-aprendizagem e respeita as especificidades dos sujeitos. Para Hernández (1998, p. 61),

A função do projeto é favorecer a criação de estratégias de organização dos conhecimentos escolares em relação a: 1) o tratamento da informação, e 2) a relação entre os diferentes conteúdos em torno de problemas ou hipóteses que facilitem aos alunos a construção de seus conhecimentos, a transformação da informação procedente dos diferentes saberes disciplinares em conhecimento próprio.

Na unidade escolar o trabalho com projeto foi realizado com base no eixo temático escolhido pela Secretaria de Educação de Mesquita para o ano letivo de 2023.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente artigo teve como referência metodológica a pesquisa de campo, de abordagem qualitativa, já que se trata de uma abordagem que busca compreender e interpretar como o ser humano se relaciona com as coisas, a natureza e a vida do que apenas descrevê-los.. aprofundando-se naquilo que não é aparente, isto é, "no mundo dos significados das ações e relações humanas" (MINAYO, 2002, p.10).

A pesquisa de campo constituiu o "chão da escola" como fonte de dados priorizando a observação participante como procedimento metodológico. De acordo com Chiotti (1998, p.53), essa observação precisa ser sistematizada para que se torne um recurso metodológico, isto é, "o observador, munido de uma listagem de comportamento, registra a ocorrência desses comportamentos em um determinado período de tempo, classificando-os em categorias ou caracterizando-os por meio de sinais" (CHIZZOTTI, 1998, p.53). Partindo do princípio de que o pesquisador tem contato direto com o fenômeno a ser estudado, reconhecemos que a observação participante não é neutra, tendo em vista que sua observação/análise é influenciada por suas próprias referências históricas, sociais, políticas, culturais, epistemológicas, pedagógicas e metodológicas.

Para análise das observações das experiências na sala de aula, o diário de campo, foi o método utilizado para registro de impressões, reflexões e acontecimentos marcantes nas aulas temáticas, que foram abordadas pelas residentes. Macedo (2010), discorre que "além de ser utilizado como instrumento reflexivo para o pesquisador, o gênero diário de campo é,

em geral, utilizado como forma de conhecer o vivido dos atores pesquisados.” (MACEDO, 2010, p. 134).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Criação do Cordel Coletivo

No mês de abril, trabalhamos a literatura de cordel, em que os discentes se apropriaram do conhecimento desse gênero textual. Produziram, com autonomia, xilografias e foram produtores de um Cordel. A construção do Cordel Coletivo foi desenvolvido pelos alunos do 1º ao 7º ano do ensino fundamental e mediado pelo cordelista convidado pela unidade escolar. O processo de criação do cordel priorizou a história, as lutas, a intimidade, os desafios e os benefícios do município Mesquita e do bairro da Chatuba, com ênfase nos valores dos chatubenses. Tratou-se de um projeto de cunho interdisciplinar, que envolveu os professores de geografia e história, destacando os aspectos históricos e geográficos do local. As narrativas dos docentes foram mescladas com as dos alunos, ao lembrar das vezes em que iam com o galão na cabeça buscar água lá no Bicão e do futebol que jogavam no antigo arrastão, “lugar bom de brincar”. Nos fios da memória, retrataram do pão francês baratinho no Didi ou na Célia, da diversidade existente na Chatuba, por meio da coexistência de diferentes religiões e expressões de suas africanidades. Sem esquecer das trilhas e das cachoeiras que compõem a natureza do lugar. Ao finalizar a oficina concluímos que fomos, nós, as residentes, que aprendemos e compreendemos na prática o que é a EJA. O cordel foi criado, como afirma Freire (2009), com suas próprias “palavras do mundo” e é por meio de seu universo linguístico que estão sendo alfabetizados. Nesse momento eles compreenderam um pouco mais as suas potencialidades.

Fórum de Profissões

Ao inferirmos que a atuação na educação de Jovens e Adultos destina-se a alunos que estão na sala de aula, dentre eles: homens e mulheres que se originam na periferia, trabalhadores, que convivem com inúmeros desafios porém, lutam por uma vida digna e igualdade de direitos (LOURENÇO, PIUNI, CORDEIRO, 2022). Pensando na importância de propor um conhecimento construído que tragam reflexões significativas sobre questões que influenciam na prática social, uma das atividades desenvolvida pelo projeto teve o objetivo de propor reflexão aos alunos sobre o Direito do Trabalhador.

A grande maioria dos alunos que estão na sala de aula da EJA, são pessoas que por grande período de suas vidas, lhe foi negado a oportunidade de concluir os estudos por conta da necessidade de trabalhar para sua própria sobrevivência e prover sustento para sua família. Tendo como base, o Planejamento Anual, que envolvia a abordagens de alguns temas na sala de aula, dentre eles a respeito do Direito do Trabalhador, realizado no mês de maio, foram trazidos para este debate algumas leis que amparam o trabalhador; doenças ocupacionais, interpretação de texto sobre a temática do trabalhador, alienação do trabalho.

Todos esses temas abordados, foram trabalhados e adaptado a realidade dos alunos da Educação de Jovens Adultos, que possuem uma perspectiva sobre o que é trabalho tendo como base as suas próprias experiências.

Nesse encontro os alunos tiveram a oportunidade de aprender como se manuseia aplicativos, como a carteira digital por exemplo. Podemos observar, que muitos alunos demonstraram que não tinha o conhecimento a respeito dos documentos digitais. Durante essa aula, os próprios alunos mencionaram a respeito de um projeto do bairro, que isenta a taxa para a retirada de documentos pessoais.

Inicialmente, fizemos uma roda de conversa com os alunos para abordar a respeito do direito do trabalhador. Durante a discussão, provocamos inquietação aos alunos trazendo a

reflexão sobre a mais valia, em que muitos trabalhadores não consomem nem a metade do que é produzido, pois dentro deste processo apenas o patrão é beneficiado.

Dentre outras questões relevantes sobre o tema falamos também dos direitos as férias, licença maternidade e paternidade, auxílio-desemprego, afastamento pelo INSS.

Durante esse período, na mesma semana que estávamos abordando essa temática, chega uma aluna chorando, reclamando que estava com dor por conta de um tombo. Mesmo naquela situação desconfortável, a aluna foi trabalhar. A mesma relatou que pediu liberação para sua chefe a fim de se consultar com um médico, obtendo uma resposta negativa, com uma justificativa que havia muitos vidros para limpar, logo a funcionária não poderia se consultar. Vale destacar, que o local de trabalho da aluna mencionada, é numa clínica de saúde. Embora os alunos da EJA, cheguem a sala de aula com rico conhecimento acerca do mundo, muitos ainda, não sabem quais são os seus direitos civis.

Para os alunos da EJA, a escola é um espaço de sociabilidade que contribui para formação social e construção do conhecimento (SILVA, 2017), onde o aluno trabalhador, reflete a respeito de sua condição atual de trabalho, a qual são submetidos e, por meio dos diálogos construídos na sala de aula, tomam posse de informações acerca de sua cidadania.

A prática do conhecimento, dos alunos da EJA, não se restringe apenas ao domínio da leitura e da escrita, mas a construção do conhecimento que possibilita o aluno a conscientização dos seus direitos na sociedade. Para o sistema hierárquico a qual estamos submetidos, não é interessante despertar o conhecimento do trabalhador pobre morador da baixada. O sistema preza pela alienação da maioria, pois um povo sem conhecimento não luta por seus direitos. Afinal, “A pessoa conscientizada tem uma compreensão diferente da história e de seu papel nela. Recusa acomodar-se, mobiliza-se, organiza-se para mudar o mundo.” (Paulo Freire em Cartas à Cristina, 1994.)

Todos esses temas abordados, foram trabalhados e adaptados a realidade dos alunos da EJA, que possuem uma perspectiva sobre o que é trabalho tendo como base as suas próprias experiências, que muitas vezes associada a exploração. Daí, vemos a importância da conscientização dos alunos da EJA.

Tivemos a oportunidade de apresentar aos alunos a respeito das doenças ocupacionais, abordando sobre a depressão, burnout, Lesões por Esforços Repetitivos (LER) e Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT). Que são doenças que afetam drasticamente a população brasileira. Como os alunos da EJA, são compostos por trabalhadores, podemos observar, que muitos deles não tinham o conhecimento a respeito dessas doenças conseqüentes do trabalho. Nessas aulas, os alunos tiveram o esclarecimento que quando submetidos a trabalhos que fazem esforço repetitivo ou quando se trata de funcionário que é exposto a composto químico, tem todo o direito de proteção da empresa, como a aquisição do Equipamento de Proteção Individual. Durante a aula, inclusive, houve alguns relatos de pessoas que adquiriram a doença por conta do esforço físico no trabalho.

Ao tratar sobre a alienação no trabalho foi trazido o curta metragem argentino *El Empleo*, que trata das relações de trabalho, entre explorado e explorador. Nesse vídeo mostra, a posição do explorador que se submete ao sistema em troca de um salário e que inconscientemente acredita que depende do trabalho para sobreviver.

Quando a pessoa vive no processo de alienação, o outro fica invisível, nesta dinâmica o que vale é a utilidade.

Empoderamento Feminino

No mês de março, foi iniciado o Projeto Empoderamento Feminino, com foco nas desigualdades sociais e raciais. Tendo como tema transversal a campanha de 21 dias contra racismo. Juntamos os dois temas sobre o empoderamento feminino e a questão racial, que são temas pertinentes na nossa sociedade, dando ênfase para a mulher nos dias atuais que transita na vida pública. Foi um mês enriquecedor em

que todas as residentes estavam completamente envolvidas, elaboramos atividades estruturadas escritas, somado as ações práticas que envolveram dinâmicas, com o objetivo de incentivar a reflexão a cerca do empoderamento feminino em consonância com o Estatuto da Igualdade Racial, promulgado pela Lei nº 12.288/2010, tendo como dispositivo basilar de intersecção a Lei 10.639, sancionada no dia 09 de janeiro de 2003, que surge para alterar a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, trazendo então em seu Art. 26 a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira no ensino fundamental, assim como a Lei 11.645/08 que surge como forma complementar a incluir a obrigatoriedade do ensino das questões que envolvem a temática da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Conversamos muito para debatermos e definirmos como faríamos as atividades designadas, nos reunimos remotamente para juntas pensarmos o que cada uma faria, montamos nosso cronograma de forma que cada residente fosse responsável por abordar em sua atividade referências femininas negras, de extrema relevância para a sociedade em geral, que ficou dividido da seguinte forma: Introdução e abertura do Projeto realizado por uma das residentes, através da conversa sobre os preconceitos enfrentados pelas mulheres em nossa sociedade atual. Foi pedido que os alunos compartilhassem com a turma seus conhecimentos prévios acerca do empoderamento feminino. Em segundo momento foi realizada na quadra da unidade, a dinâmica denominada “Caminhada do privilégio”. Essa dinâmica envolveu não somente alunos da nossa turma, mas a convite da nossa professora preceptora, incluímos os alunos do 4º, 5º e 6º ano do ensino fundamental. Os participantes foram provocados com as perguntas que apontavam algum tipo de violência, de raça e gênero, e caso algum deles tivesse sido vítima de alguma dessas formas de violência deveria dar um passo para trás. Através das perguntas e dos passos dados, conseguimos identificar que praticamente todos os alunos participantes já haviam vivenciados casos como de violência doméstica, preconceito, injustiça, discriminação social, de gênero e raça. E no final da dinâmica reforçamos com eles que, a atitude de estarem buscando o conhecimento, já corrobora para que eles venham a romper com muitas das situações historicamente vividas por eles, através do aprendizado.

Inferimos que, “o bom professor é aquele que se coloca junto com o educando e procura superar com o educando o seu não saber e suas dificuldades, com uma relação de trocas onde ambas as partes aprendem...” (Paulo Freire). Em outro momento, foi abordado por uma das bolsistas o tema: Sexismo nas profissões, que trouxe para o debate como as mulheres enfrentam preconceitos de gênero em determinadas profissões. Compartilhando a história da repórter Glória Maria pra ilustrar, como as mulheres negras ocupam lugares de poder com esforço e dedicação enfrentando o machismos e sexismo em sua luta diária. Outra atividade significativa que desenvolvemos, teve a proposta de trazer aos alunos, familiaridade com personalidades e autoras relevantes no cenário do empoderamento feminino e, assim, encenamos o fato vivido por Rosa Parks, que foi uma ativista negra norte-americana que lutou pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, ao negar com veemência ceder seu acento no ônibus para um homem branco sentar-se. Atitude essa, que deu início a luta antissegregacionista. Com essa dinâmica foi demonstrado aos alunos que, por vezes, ao dizermos NÃO, já conseguimos lograr êxito em diversas situações que nos constroem ou aprisiona, como nos casos de machismo, de violência, seja verbal, física ou psicológica. Esta atitude inicial, pode levar ao fim, históricos de humilhações e discriminações sofridas ao longo de uma vida e, para os homens, ficou a reflexão do quanto é importante respeitarmos o “não” de uma mulher, independente do contexto. Os alunos conseguiram perceber que

Rosa Parks estava tendo uma atitude de empoderamento, ao reivindicar respeito, igualdade, entre outros direitos. A história de Dandara também foi apresentada. Uma guerreira, que lutou bravamente ao lado seu esposo Zumbi dos Palmares, contra o Governo Português. Dandara, embora fosse esposa e mãe, essas funções não lhe impossibilitaram de lutar pelo ideal de seu povo. Após a apresentação dessa história, foi pedido para que cada uma dissesse quais características suas, se assemelhavam com Dandara. Foi perguntado para cada uma das alunas presentes. Conforme elas falavam, registrávamos no quadro: guerreira, ousada, mãe... Uma das alunas trouxe sua história de vida, relatando que passou por muitas dificuldades para criar sozinha, suas filhas. Passou por situações de despejo, necessidade financeira e agração física por parte do marido. Ao final, a mesma afirma que é uma mulher empoderada, pois apesar de tantas lutas, ela tem se superado. Obtendo sua casa, trabalho e seu retorno para sala de aula, afim de concretizar o sonho de aprender a ler e a escrever. Concluímos esse projeto, apresentando às alunas como o ícone importante do dia, refletindo sobre todo o conteúdo abordado durante o mês de março. Enfatizamos o quanto as mulheres da EJA são representantes de resistência e empoderamento.

Terra Planeta Água

No mês de abril trabalhamos o tema 'Terra Planeta Água, ' que foi elaborado a partir de uma canção do cantor Guilherme Arantes. A canção foi utilizada para abordar de maneira transdisciplinar sobre sustentabilidade, consumo consciente da água e recursos hídricos naturais. Iniciamos esse projeto apresentando os estados físicos da água. Para que entendessem as informações contidas nos gráficos de consumo, da qual se interessaram muito, buscamos adaptar a construção do conhecimento associado ao cotidiano deles. Interagimos com afetividade durante as aulas, esclarecemos as dúvidas, e foi surpreendente ver como o conhecimento se fixava e rendia discussões amplas. Os educandos demonstraram grandes interesses em relatar suas vivências, e estas interações se estendiam até os alunos que comumente são mais tímidos e menos participativos. Ainda no mês de abril, em conjunto com o projeto literário de cordel, que contou com a participação e contribuição de todo o corpo docente. A professora de artes dirigiu uma apresentação musical com um grupo de alunos, onde cantaram a canção "planeta água" de Guilherme Arantes. A canção exalta de maneira poética este importante recurso natural que é a água. Traz referências indígenas e até cita figuras folclóricas. Este tema também levantou questões sobre saúde pública e saneamento básico. Em uma aula, discutimos com a turma sobre a realidade da escassez de água, que ocorre de tempos em tempos, dentro da comunidade da Chatuba e adjacências. Muitos relembrou como a falta de saneamento básico afeta o acesso e a assiduidade do aluno à escola. Uma vez que, caso ocorra falta de água no bairro, a prioridade é em manter as aulas regulares durante o dia. Ou seja, mais uma vez, de maneiras sutis, estes alunos percebem o descaso e falta de importância que a EJA possui politicamente e socialmente.

Diante disso, nos projetos citados aqui, observamos o quão significativo foi abordar esses temas, pois reverberou de diversas formas e enriqueceu outros momentos de construção mútua. Provando mais uma vez que, o conhecimento se constrói a partir da interação entre o educando e o educador, através da afetividade. Pois como afirma Cury (2008, p. 48), "a afetividade deve estar presente na práxis do educador"

Referência Bibliográfica

ARBACHE, Ana Paula. A Formação de educadores de pessoas jovens e adultos numa perspectiva multicultural crítica. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. Papel Virtual Editora, 2001.

Brasil. Lei nº 10.639 de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, 10 jan. 2003a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acessado em 18 out 2023.

CUNHA, Antônio Eugênio. Afeto e aprendizagem: amorosidade e saber na prática pedagógica. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2008. 132 p.

FRACETTO, Patrícia. Os impactos afetivos de um projeto de ciências em alunos do ensino fundamental II. In: LEITE, Sérgio Antônio da Silva Leite (Org.). Afetividade: as marcas do professor inesquecível. Campinas: Mercado de Letras, 2018. cap. 3, p. 83-108.

Freire, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire.– São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Freire. A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam. 50 ed., São Paulo: Cortez, 2009.

HERNÁNDEZ, F. Os projetos de trabalho: uma forma de organizar os conhecimentos escolares. IN: HERNÁNDEZ, F. A organização do currículo por projetos de trabalho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. (p.61-84)

LOURENÇO, Elzafran Santos Sousa. PIUNTI, Juliana Cristina Perlotti. CORDEIRO, Maria Beatriz Gameiro. Reflexões a partir de Arroyo: trajetórias humanas e inumanas na EJA. EJA em Debate. Ano 11, n. 19, Jan/ jun. 2022.

OLIVEIRA. Rita de Cássia Magalhães.(Entre linhas de uma pesquisa: O Diário de campo como dispositivo de informação na abordagem(auto)biográfica. Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos vol.2; nº 4,2014 in: MACEDO. Roberto Sidnei. Etnopesquisa crítica/ etnopesquisa-formação: Brasília: Liberlivro. 2010

RIBEIRO, Marinalva Lopes. A afetividade na relação educativa. Estudos de Psicologia, Campinas, v. 27, n. 3, p. 403-412, jul./set. 2010. Disponível em: . Acesso em: 09 abr. 2021.

SABINO, Simone. O afeto na prática pedagógica e na formação docente: uma presença silenciosa. São Paulo: Paulinas, 2012. 239 p.

SILVA, Francisca Veridiana da. Uma breve discussão sobre quem são os sujeitos da EJA e quais suas expectativas na sala de aula. João Pessoa. UFPB,2017